

## **40° Encontro Anual da Anpocs**

### **ST02 A Literatura na perspectiva das Ciências Sociais**

Notas metodológicas sobre o fazer Sociologia da Literatura: entre prosas, cartografias e etnografias multissituadas no Atlântico Sul.

Autora: Paula Manuella Silva de Santana

## Notas metodológicas sobre o fazer Sociologia da Literatura: entre prosas, cartografias e etnografias multissituadas no Atlântico Sul

Paula Manuella Silva de Santana<sup>1</sup>

### Resumo:

A partir da inspiração encontrada na hermenêutica do distanciamento (Ricouer, 2008) e no processo de construção de cartografias (Deleuze & Guattari, 1994), busco, neste excerto de pesquisa de tese de doutorado, pensar aproximações entre a sociologia e a literatura através de uma elaboração em torno da noção de grotesco (Bakhtin, 2010; Kayser, 2003) e da construção de alegorias (Benjamin, 2011) dentro do universo diegético das novelas *Cosa de negros* (2012), do escritor argentino Washington Cucurto; *Quantas madrugadas tem a noite* (2004), do escritor angolano Ondjaki e da compilação de contos *Rasif: mar que arrebenta* (2008), do escritor brasileiro Marcelino Freire. Travo um esforço para articular categorias tanto dos contextos sociais, quanto das sociedades internas de suas prosas, uma vez que pensar tais tensões significa dar conta das mudanças que se deram em ambas as esferas, numa via de mão dupla, abrindo caminho para a reflexão acerca de uma realidade social contra-hegemônica, repleta de particularidades e linhas fronteiriças.

Por meio da inspiração encontrada na hermenêutica do distanciamento, de Paul Ricouer (2008) busco refletir sobre os caminhos que aproximam e afastam a sociologia e a literatura. Assim como o limite aparentemente intransponível entre a voz de quem grita (fugidia e difusa) e a letra escrita (documentada e fixa) pode ser convertido em ação política, o distanciamento entre literatura e sociedade também pode ser alterado. Entendo que as interpretações sociais atualmente têm muito a aprender com as artes e, do mesmo modo, as obras estudadas ganham sentido ao compreendermos os espaços sociais e as temporalidades históricas que as atravessam. Trazendo estes pressupostos sempre comigo, pretendo apresentar aqui aspectos teórico-metodológicos de minha pesquisa de doutorado, *Marcas do Grotesco no Texto Literário de Washington Cucurto, Ondjaki e Marcelino Freire: Alegorias de uma Modernidade Periférica*, defendida em 2015, no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. A partir da reflexão proposta por Ricouer (2008), é preciso problematizar a empreitada que

---

<sup>1</sup> Doutora em sociologia e professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco

se inicia aqui: meditar sobre a produção artística contemporânea é sempre uma tarefa arriscada para a crítica, uma vez que a concomitância temporal pode dificultar a observação e compreensão da obra de arte em si. O crítico pode se deixar levar pela excitação da novidade, pela força do *marketing* ou usar critérios que não respondem às demandas de certos objetos. Todavia, só o alargamento das possibilidades de conteúdo não basta para dar conta de um momento histórico tão intenso e frenético como a modernidade periférica.

Surge, assim, no campo da Sociologia da Literatura, um objeto pleno de potencial, passível ainda de análises mais apuradas. Diante disto, este trabalho visa compreender cada narrativa, assim como realidades sociais de origem em toda a sua amplitude e complexidade, com a intenção de desvelar os ecos alegóricos do grotesco e do tempo-espaço presente nas narrativas. A ideia aqui é, ao adentrar na paisagem atual da produção literária no Atlântico Sul, investigar seus procedimentos de escrita e as características estéticas que, de alguma forma, dialogam com outros autores, outras tendências da arte contemporânea e outras realidades sociais. Pensar as obras literárias desses autores como objeto de estudo implica lançar luz em vários níveis de correlação, significa dar relevo às tensões e mudanças que se deram tanto no âmbito da literatura quanto no contexto social, abrindo, assim, horizonte para a reflexão acerca de uma visão contra-hegemônica da realidade social, repleta de particularidades e linhas fronteiriças.

Neste sentido, o excerto que trago aqui objetiva mitigar aspectos diversos das relações entre literatura e vida, no intuito de alinhar as idas e vindas entre o texto literário e o contexto social. Neste sentido, para lidar com realidades sociais abertas, fraturadas e obscurecidas pela história oficial (como no caso de Argentina, Angola e Brasil), fora preciso construir uma representação textual que não apague as contradições e ambivalências do mundo e que, especialmente, não reinscreva formas duradouras de opressão histórica. Para tanto, procurei articular teoria, pesquisa de campo, entrevistas com os escritores, a fortuna crítica sobre suas obras e seus diálogos possíveis.

Diante disto, este *paper* traz aspectos de escolhas metodológicas que vão na contramão dos recursos mais tradicionais da Sociologia da Literatura, a saber, optei por cartografar o real extratextual como etapa vital da pesquisa. A ideia foi lançar-me no caminho errante das intersecções entre texto e contexto. Proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1990), a cartografia se oferece como trilha para acessar aquilo que está

num entremeio, isto é, nem na superfície, nem nas profundezas da realidade social, mas que, por vezes, passa despercebido. A cartografia, assim, oferece ao pesquisador, a possibilidade de dar conta daquilo que não se curva à representação. Diante disto, este método se presta como instrumento interessante para a imersão nas realidades sociais que estão além do mundo *diegético*, viabilizando uma percepção mais acurada das idas e vindas entre texto literário e contexto social. Composição entre o campo e seus fluxos, vias de acesso ao insuspeito e à variação.

Trata-se de traçar um testemunho do mundo por formas novas e inéditas, razão pela qual por cartografia nada se explica, uma vez que os dados, sempre relançados, apenas se implicam, produzindo material de pesquisa, subjetividades e mundos. O importante aqui é tentar escapar dos efeitos da violência epistêmica a que se referem Spivak (2012), Moireiras (2011) e Mignolo (2008), isto é, aquelas formas de invisibilizar o outro, expropriando-o a sua possibilidade de representação.

Para tanto, a abordagem proposta visa focalizar os primeiros dez (10) anos do século XXI no espaço discursivo da ficção de Washington Cucurto (Argentina), Ondjaki (Angola) e Marcelino Freire (Brasil), suas interpretações e questionamentos, empreendendo uma revisitação da história e uma reconfiguração das relações sociais inseridas na contemporaneidade narrativa e extratextual.

Para esta investigação, foram analisadas uma obra em prosa de cada autor, a saber: “Cosa de Negros (2003), de Cucurto; “Quantas madrugadas tem a noite” (2004), de Ondjaki e “Rasif: mar que arrebenta (2008), de Freire. Em “Cosa de Negros” (2012) Cucurto tece uma narrativa que corre no ritmo frenético do cotidiano do bairro da Constitución, em Buenos Aires. O narrador é um sujeito negro, imigrante da República Dominicana e que faz muito sucesso na Argentina como cantor de cúmbia, gênero popularíssimo no país. Interessante perceber, a partir da visada de Cucurto, o cotidiano dos estratos mais pobres e relegados da sociedade argentina, uma afronta ao estereótipo do argentino médio, branco, de origem europeia. Já em “Quantas madrugadas tem a noite”, de Ondjaki, a *diegese* gira em torno de alguns tipos marginais da cidade de Luanda: um anão, conhecido como Burkina Façam (alusão à forte imigração de países vizinhos para Angola), um professor albino e um menino em situação de rua. No devir caótico de Luanda, esses personagens passam por situações de submissão, discriminação e, por vezes, autoafirmação. Na compilação de contos “Rasif: mar que arrebenta” (2008),

Freire faz uma homenagem à cidade do Recife, trazendo à tona sujeitos invisibilizados e estigmatizados no contexto social. Homossexuais, crianças de rua, catadores de lixo, mulheres donas de sua sexualidade, toda uma sorte de personagens que povoam a ideia de outridade em uma sociedade conservadora e moralista.

Sendo assim, este artigo trará três blocos analíticos: o primeiro, que procura construir um aporte político, ideológico e sociológico para pensar questões referentes à estética, poder e construção do conhecimento no âmbito da Sociologia da Literatura e do universo das obras em análise. Já o segundo, visa problematizar o esgarçamento das fronteiras entre literatura e vida, assim como os diálogos no espaço e no tempo dos escritores analisados com a sociedade e outras literaturas. Por fim, através da escuta das obras<sup>2</sup>, o terceiro bloco analítico procura estes elementos congregados nos textos, objetivando encontrar pontos de estabilidade na instabilidade desses dois universos, o real extratextual e o textual.

A partir das narrativas, almejo compreender o desvelar de construções alegóricas de um tempo-espaço presente em Cucurto, Ondjaki e Freire, vis-à-vis a modernidade periférica de seus respectivos países, por meio de elementos referentes às transformações e interlocuções estéticas, assim como do contexto social. Com este fim, os conceitos e as teorizações sobre o grotesco, a ironia, o humor, o paródico, o farsesco e o abjeto serão de grande valia para a busca dos esgarçamentos entre literatura e vida nesse *corpus*<sup>3</sup>.

Apreender as interlocuções entre o texto literário e o contexto social é um aspecto fulcral deste trabalho, afinal, esta é uma senda importante que se abre para o desvelamento de nuances sociais que são obscurecidas pela história e pela sociedade. Pela análise do contexto, o pesquisador se coloca em excelentes condições para compreender as particularidades da forma de organização, e, sobretudo, para evitar interpretar o conteúdo do documento em função de uma perspectiva etnocêntrica. Tal

---

<sup>2</sup> CUCURTO, Washington. Cosa de Negros. Buenos Aires, Ed. Interzona, 2012.; ONDJAKI. Quantas madrugadas tem a noite. Lisboa, Ed. Caminho, 2004; FREIRE, Marcelino. Rasif: mar que arrebenta. São Paulo, Ed.Record, 2008.

<sup>3</sup> Vale reforçar que este *paper* propõe uma reflexão sobre os caminhos metodológicos da pesquisa, por isto, a análise das obras não será tão enfatizada.

etapa é tão importante, que não se poderia prescindir dela, durante a discussão que se seguirá.

O romance e o conto são uma forma de ver o mundo de dentro do mundo, portanto, enxergo o diálogo entre sociologia e literatura como um elemento de apreensão da realidade social bastante pertinente e profícuo. Por conta disso, fiz a escolha metodológica de cartografar o real extratextual como etapa vital desta pesquisa. Proposta enquanto caminho errante por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1990), a cartografia se oferece como trilha para acessar aquilo que está num entremeio, isto é nem na superfície, nem nas profundezas da realidade social, mas que, por vezes, passa despercebido. A cartografia, assim, oferece ao pesquisador, a possibilidade de dar conta daquilo que não se curva à representação. Diante disto, este método se presta como instrumento interessante para a imersão nas realidades sociais que estão além do mundo *diegético*, viabilizando uma percepção mais acurada das idas e vindas entre texto literário e contexto social. A cartografia possibilita a criação de zonas de estabilidade provisória na instabilidade da vida social. Proponho aqui uma composição entre o campo, o objeto e os seus fluxos intermitentes. O importante aqui é tentar escapar dos efeitos da violência epistêmica que invisibiliza o outro, expropriando-o da sua possibilidade de representação.

Exatamente por isso, durante a pesquisa, lancei-me aos lugares de fala das obras como pesquisadora-viajante, compondo o espaço como um flâneur observador, assim como propõe Ilka Boaventura Leite (1996), acerca do relato de viagem como uma construção do tempo fora do tempo. Proponho-me a pensar esse relato como um mapa etnográfico, trazer à tona, via Deleuze e Guattari (1990), a figura do pesquisador que integra a impressão da viagem, compondo paisagens para, a partir daí, descortinar a geopolítica deste bloco conhecido na historiografia como “Atlântico Sul” e o que as estruturas narrativas, assim como seus autores têm a dizer sobre estas (e outras questões). Afinal, os escritores estão para além de seus lugares, são parte da prosa do mundo também.

Neste sentido, esse segmento, para não deixar de incorporar a teoria de Deleuze e Guattari (1990), procura meditar sobre o potencial de construção do conhecimento em Sociologia da Literatura, em meio a tradições do pensamento que surge no bojo de forças reprodutivas e estanques. Soma-se a perspectiva cartográfica, elementos conteudísticos de uma etnografia multissituada (Marcus, 1995), uma vez que

Deleuze e Guatarri (1990) não sinalizam possíveis procedimentos para a análise de cartografia múltiplas. Uma vez que o território se transforma continuamente, ao se instalar sobre diferentes espaços o próprio trabalho de campo também sofre abalos.

É seguindo esta vereda que pretendo apresentar aqui minhas cartografias, notas de observação e excertos de análises literárias. Mapas em formato de poliedro, cujo número de faces não se encontra previamente definido e nunca poderá ser legitimamente concluído. A ideia é segmentarizar, na perspectiva de Deleuze e Guatarri, a minha experiência em campo e em conversa com os escritores e os cidadãos de cada um dos países estudados. Trago à tona momentos do meu processo de envolvimento com as obras, a ida à Argentina e ao Paraguai em 2011, a viagem para Angola em 2012 e, a coincidência de ter ido morar no sertão da infância de Freire, em 2013.

“Metodologias não garantem o ‘encontro’, o arranjo, a combinação e a interpretação. São apenas um caminho” (Hissa, C. E. V., 2002, p. 161.)<sup>4</sup>. Um caminho possível dentre um labirinto de escolhas. Tendo em vista isto, o presente capítulo tem por objetivo discorrer acerca do arcabouço teórico-metodológico que orientará nossa travessia pelas tramas narrativas das obras de Cucurto, Freire e Ondjaki.

Neste sentido, é importante endossar que, eu, socióloga, terei como objeto de estudo obras literárias. O romance e o conto são uma forma de ver o mundo de dentro do mundo, portanto, enxergo o diálogo entre sociologia e literatura como um elemento de apreensão da realidade social bastante pertinente e profícuo. Travarei um esforço para não incorrer numa leitura, por ventura, culturalista das obras, o que seria inviável e contraditório, uma vez que os próprios autores em análise partem de uma mirada deslocada e em constante trânsito para ficcionalizarem seus lugares de fala. Para além disso, tenho clareza que estou lidando com arte, que oferece múltiplos caminhos de reflexão, e não com textos etnográficos, documentais e sociológicos, que se propõem a pensar sistematicamente o mundo da vida e/ou recortá-lo para retratá-lo.

A sociologia da arte já avançou o suficiente em sua crítica a leituras de obras pautadas em Teorias do Reflexo<sup>5</sup>, como no caso das teorias marxistas advindas das

---

<sup>4</sup>HISSA, C. E. V., (2002), p. 161.

<sup>5</sup>São teorias derivadas da doutrina platônica da arte como imitação da natureza, em que se acentua a dimensão semântica da obra, relativa à correspondência entre representação e o que se representa.

elaborações de Luckács, por exemplo. Contudo, diante da impossibilidade de uma neutralidade axiológica, fiz a escolha por uma metodologia que agregue ao texto os vieses em favor da construção da pesquisa. Por isso, o texto dessa pesquisa será elaborado a partir de um relato pessoal, mergulhado nas subjetividades que me tomaram no decorrer do processo.

A cartografia, assim, oferece ao pesquisador, a possibilidade de dar conta daquilo que não se curva à representação. Diante disto, este método se presta como instrumento interessante para a imersão nas realidades sociais que estão além do mundo *diegético*, viabilizando uma percepção mais acurada das idas e vindas entre texto literário e contexto social. A cartografia possibilita a criação de zonas de estabilidade provisória na instabilidade da vida social. Proponho aqui uma composição entre o campo, o objeto e os seus fluxos intermitentes. O importante aqui é tentar escapar dos efeitos da violência epistêmica que invisibiliza o outro, expropriando-o da sua possibilidade de representação.

Como pesquisadora-viajante traduzo o vivido em terras alheias em uma forma apreensível pelo imaginário pátrio. Pensar o relato como uma mapa etnográfico, possibilita trazer à tona, via Deleuze e Guattari (1996), a figura do pesquisador que integra a impressão do processo, compondo paisagens e cenas para, a partir daí, desvelar a geopolítica do Atlântico Sul e o que as estruturas narrativas, assim como seus autores têm a dizer sobre estas (e outras questões). Lançai-me durante todo o processo em um vir a ser: da construção do *corpus*, à pesquisa de campo, à escrita e a defesa. Assumo-me como uma pesquisadora que concebe a subjetividade à luz de um paradigma ético-estético, que se propõe a observar os efeitos da intersubjetividade de forma a singularizar experiências humanas e não somente generalizá-las, que tenha um compromisso social e político com o que a realidade social demanda do trabalho científico.

No platô “Micropolítica e segmentaridade” (1996), Deleuze e Guattari afirmam que toda realidade é perpassada por segmentaridades molares e moleculares, cuja diferença não se dá pelas dimensões de tamanho, mas, sobretudo, pelos seus aspectos qualitativos. O molar atua sobredecodificando, segmentando a processualidade do campo social em dada representação. O molecular, por sua vez, possibilita o escape dos códigos, a irrupção do intensivo que desterritorializa, embora contenha cada vez mais segmentações finas que sustentam o molar, principalmente na forma atual de gerência da subjetividade. Desta maneira, as formas atuais de poder se molecularizam, refinam-se em

mecanismos de produção de subjetividade, em sua dimensão biopolítica, especialmente em uma sociedade globalizada e mass-midiática, em que a reprodução de modos de existência torna-se uma constante. Esse é um aspecto medular do molecular, isto é, fazer emergir o poder-potência, a resistência afirmativa por meio do acontecimento. Tem-se aqui o plano dos segmentos, que compõe o cotidiano de um pesquisador em processo de investigação-intervenção. Estratos que estancam a circulação da vida e operam cortes e recortes que constituem a maneira como a realidade se apresenta. O instituído se manifesta nas linhas duras das relações, na demanda de regulamentos, nos mecanismos de atuar a reprodução do mesmo e resistir à emergência do novo. De maneira sucinta, os segmentos têm como objetivo estabelecer métodos de hierarquização e de organização. Para Deleuze e Guatarri (1996, p.83), “somos segmentarizados por todos os lados em todas as direções”. No universo da pesquisa a segmentarização se dá da mesma forma.

Procuro meditar sobre o potencial de construção do conhecimento em Sociologia da Literatura, em meio a tradições do pensamento que surge no bojo de forças reprodutivas e estanques. A ideia é ir em busca das fissuras do segmento. Fissuras que permitem a formação de linhas de fuga moleculares invisíveis, que podem passar ao molar, para o visível, onde é possível perceber a sua efetivação. Forças instituintes fazem funcionar outros registros de atuar, de pensar, que burlam a racionalidade do pensamento Ocidental, a busca pela verdade e pela homogeneização. Essas motrizes são convocadas nesse tipo de pesquisa pela desnaturalização constante do objeto que se pretende conhecer, pela implicação do pesquisador, pelas contigências que acompanham as situações e seus efeitos, pelo acontecimento. Para Fernanda Amador e Tânica Fonseca (2006), o acontecimento consiste em reencontrar conexões, apoios, bloqueios, jogos de força, estratégias, encontros, que, em determinado momento formaram uma evidência, uma necessidade. O mote é analisar os acontecimentos a partir dos processos múltiplos que o constituem.

Para Deleuze e Guatarri (1990), decomposição interna e relações de inteligibilidade caminham juntas. É pela vereda da produção de acontecimentos que a pesquisa cartográfica pode ser captada. Trata-se de radicalizar a pista metodológica deixada por Nietzsche de apreender a existência justamente naquilo que ela tem de mais aparente, promovendo um deslocamento das contradições percebidas na realidade para a imanência e a relação com o que vem de fora. A cartografia conjuga formas estabelecidas e forças inventivas. Pesquisa e pesquisadora são, assim, arrancados de qualquer

estabilidade pressuposta, seja do conhecimento instituído, seja da identidade de pesquisadora. Neste movimento em que conhecimento e ação se co-produzem, outras realidades emergem, outras perguntas e outras subjetividades vão se constituindo, afinal, pensar é inventar.

Soma-se a perspectiva cartográfica, elementos conteudísticos de uma etnografia multissituada, uma vez que Deleuze e Guatarri (1990) não sinalizam possíveis procedimentos para a análise de cartografia múltiplas. Isto posto, o pesquisador transnacional é, sobretudo, um ator-chave que se encontra em contato com diferentes informantes que veiculam múltiplas e preciosas informações entre diferentes locais ou grupos. Uma vez que o território se transforma continuamente, ao se instalar sobre diferentes espaços o próprio trabalho de campo também sofre abalos. Para Stefania Capone (2010), esta nova prática etnográfica é multissituada, e, especialmente, translocal, pois a sua unidade de análise é uma rede de lugares, reais ou simbólicos, onde o termo translocal permite realçar as conexões, fluxos e redes dos aspectos fundamentais dos objetos de estudo, em um entrecruzamento constante de dimensões.

Reforço aqui que tenho clareza das implicações dessa necessidade metodológica em assumir a complexidade de um mundo interconectado e que, sobremaneira, se desdobra no processo de construção do objeto de pesquisa. Em consonância com George Marcus (1995), entendo que é basilar redobrar a atenção. Para o autor, é preciso dar conta de três ansiedades metodológicas possíveis em pesquisas multissituadas. Primeiro, uma etnografia assim concebida não pode ter pretensões holísticas, como foi por muito tempo a praxe de narrativas etnográficas fora do contexto desse novo sistema mundial; segundo, não ter como escapar da alteridade, pois o “lá” e o “aqui” sempre existirão, sobretudo quando o pesquisador lida com sociedades com línguas distintas, como é o caso da pesquisa empreendida por mim; terceiro, a pesquisa multissituada não se trata de uma comparação controlada, como se costumava fazer antigamente ao se caracterizar e comparar áreas culturais diferentes. A abordagem transnacional demanda um olhar complexo, que dê conta da tradução cultural viável para perceber o “aqui” e o “lá”.

Exatamente por isso, inicio um esforço para dar relevo a complexidade sociocultural e multi-localizada dos contextos sociais transnacionais discutidos nesta tese, levando em consideração a multiplicidade dos lugares de referência e de agência dos atores sociais. A etnografia multissituada anda de mãos dadas com a proposta

cartográfica de Deleuze e Guatarri (1990), uma vez que também implica a reavaliação da relação do pesquisador com a alteridade e com a própria escrita etnográfica. Trata-se de abolir a clivagem entre o “nós” e os “outros”, de maneira a lançar o olhar à contemporaneidade das práticas discursivas que fazem a pesquisa de campo ser o que é. É preciso superar tais oposições e dicotomias, com o intuito de apreender as dinâmicas, fluxos e deslocamentos que caracterizam a atual realidade social.

Recriar no leitor a experiência da alteridade, ao tempo de fazer nele ressoar como possível o absoluto do outro. O caráter relativo das verdades e a existência de universais se constituem assim em pólos de uma aporia que coexistem numa relação agonística. Reconhecer esta aporia nos permitiria, então, lidar com a diferença com a devida consciência da qualidade provisória e precária dos nossos patamares de compreensão (SEGATO, 1992 p.116-118).

Em 2009 estive na Argentina pela primeira vez. Estava há seis meses de concluir a dissertação de mestrado e fui à Buenos Aires participar do congresso da ALAS (Associação Latino-americana de Sociologia)<sup>6</sup>. Naquele momento, vivia uma crise com a pesquisa de dissertação. Era estudante em tempo integral há seis anos ininterruptos, desde o início da minha graduação em Ciências Sociais, e, havia, pelo menos dois anos que estava envolvida com o tema da dissertação. Minha imaginação sociológica andava em busca de outros problemas para um futuro doutorado. Entretanto, apesar do cansaço, compreendia que ainda havia mais a investigar na temática proposta e, em conversa com meu orientador, foi aventado à possibilidade expandir e, ao mesmo tempo, aprofundar o universo discutido em minha dissertação de mestrado.

Buenos Aires foi um catalisador importante desses anseios. Sempre estive muito envolvida com o cinema argentino e, de maneira menos intensa, com a literatura contemporânea de Borges, Cortázar, Aira e Copi. Visitando feira de livros e bienais pela cidade, vislumbrei a possibilidade de mergulhar profundamente numa literatura argentina que não se encontra nos dicionários de teoria literária. Comprei obras de diversos escritores que estão fora do cânone e regressei ao Brasil com uma vasta bibliografia, um mundo em que eu era completamente neófito. Passei mais de um ano às voltas que estas obras, até que, finalmente, cheguei em Cucurto. Encontrei em seus textos tudo o que

---

<sup>6</sup> O evento a que me refiro ocorreu em 2009.

agrada a minha fruição. Uma estética raivosa, inacabada, temáticas contundentes, o descortçamento de uma cidade que os turistas não veem e uma mescla na oratura do que Bhabha chamou de cosmopolitismo periférico. Não havia dúvidas de que Cucurto estaria no escopo do projeto de tese. Depois disso, meu engajamento sociológico começou a gritar. Tinha em mãos dois autores estrangeiros e uma dificuldade manifesta em adentrar, via sociologia, nos universos literários brasileiros. Sempre fui uma leitora ávida da literatura brasileira dos anos 1940 para cá, mas somente por entretenimento. Não entedia que bloqueio era esse que me impedia de construir problemas sociológicos com esse escopo da literatura brasileira do presente. Decidi enfrentar a obscuridade desse bloqueio e inserir no escopo do projeto um dos escritores que mais li nos últimos quinze anos, Marcelino Freire. Por razões diversas, umas mais referendáveis do ponto de vista científico do que outras, construí o *corpus* do meu projeto de tese.

Após entrar no doutorado, criei um roteiro de pesquisa. A proposta seria fazer uso dos quase três anos em que não precisamos cursar créditos no doutorado para realizar uma imersão em campo. Pretendia morar, pelo menos seis meses na Argentina e em Angola. Contudo, assim como articula Deleuze e Guatarri, a pesquisa-vida produz desvios sobre o campo investigado, pois esta não dissocia o objeto investigado do sujeito que investiga. Sujeito da/na investigação. Desvios que podem se dar na alteração da demanda, na emergência do inesperado, nos deslocamentos que podem ser produzidos nas subjetividades que participam do estudo, nos focos de invenção parciais que podem eclodir no processo, a qualquer momento.

Estes desvios aconteceram desde o início do processo. Ainda em 2011, participei de uma série de congressos no Paraná e aproveitei a ida ao sul para conhecer a tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, lugar de fala importante para Cucurto. Essa viagem acabou tornando-se uma etapa importante da minha pesquisa de campo. Na época, o meu empenho era para tentar um intercâmbio em alguma instituição de ensino superior de Luanda. Com o apoio dos professores Paulo Marcondes e Remo Mutzenberg, que além de amigos, eram o chefe do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco e vice-coordenador do Programa de Pós-graduação em Sociologia da mesma instituição, respectivamente, tentei via o diretor do campus de Benguela da Universidade Agostinho Neto (UAN), professor Paulo de Carvalho, o aceite para a realização de um estágio-sanduíche na UAN, que não foi aceito por questões estruturais da respectiva universidade. Depois desta negativa, desisti de realizar pesquisa

de campo em Luanda. No entanto, no ano seguinte, fui convidada para dar uma conferência sobre o kuduro – gênero musical de Angola-, junto com o pesquisador Sotero Caio, em Angola. Em 2012, quando a conferência aconteceu, passamos dez dias em Luanda, realizando entrevistas e observações para nossas pesquisas. Esse tempo em terras caluandas, apesar de curto, foi determinante para a minha pesquisa, especialmente, porque percebi que, em função do custo de vida super inflacionado da cidade, não poderia passar mais do que esse período na cidade com a bolsa de doutorado. Foram dez dias completamente imersos em campo. Alguns meses depois, mais um desvio se passa. Fui aprovada no concurso para docente de Sociologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no campus de Serra Talhada, sertão do Pajeú. A mudança afastou-me de Cucurto e Ondjaki, autores que vinha estudando assiduamente desde 2011 e aproximou-me de Freire, que nasceu e passou sua infância numa cidade vizinha, Sertânia. Eu e Freire nos encontramos em eventos de literatura no sertão, por duas vezes, uma vez que Freire segue muito envolvido com o lugar de sua formação. Tenho tido a chance de apresentá-lo e discutir sua obra com os estudantes que cursam disciplinas comigo, fenômeno de partilha de conhecimento que tem aberto importantes frestas para a pesquisa.

Esses percalços e mudanças de prumo colaboraram para que eu pudesse identificar, durante o processo de pesquisa preliminar para elaboração do projeto e o início das pesquisas de campo e das entrevistas com os escritores, que alguns pontos cruciais clamavam por uma reflexão mais acurada. O projeto inicial, intitulado “A estética cinematográfica na prosa-poética de Washington Cucurto, Ondjaki e Marcelino Freire: fluxos de uma modernidade periférica” tinha como objetivo central identificar como as sinergias entre a linguagem cinematográfica e o texto literário nas obras de Washington Cucurto, Ondjaki e Marcelino Freire delineiavam um sentido de modernidade periférica para a Argentina, o Brasil e Angola. A partir das leituras e releituras iniciadas em 2011, percebi que a verve narrativa desses escritores é entremeada por um discurso grotesco, muitas vezes paródico. Alguns textos com os quais me deparei problematizam um universo *diegético* que tem uma referência no real extratextual e, ao mesmo tempo, o deformam por meio de exageros supernaturalistas. Diante disto, me vi impelida a dar conta de uma tradição dos estudos literários que se detém aos “realismos latino-americanos” e que encontram algum tipo de correspondência na literatura brasileira e africana em português.

No bojo destas leituras, vi a estética cinematográfica tornando-se uma questão transversal (e secundária) deste estudo. Já envolvida por estas novas questões, na disciplina de métodos qualitativos, cursada no segundo semestre de 2011, apresentei um esboço destas ideias e elaborei um caminho metodológico que desse conta dessas idas e vindas entre texto literário e a sociedade.

Todavia, só o alargamento das possibilidades de conteúdo não basta para dar conta de um momento histórico tão intenso e frenético como a modernidade periférica. Para dar forma a estes discursos surge uma multiplicidade de recursos narrativos, que acaba por conglomerar, no caso dos três escritores a serem analisados, uma série de possibilidades de composição, montagem e modos narrativos que a teoria da literatura procura mapear. As imagens supernaturalistas, insólitas, distorcidas, borradas, expressionistas de Cucurto (2012), Ondjaki (2004) e Freire (2008) possibilitam uma leitura invertida, que desestabiliza quem lê e procura subverter o lugar ideológico dessas perspectivas.

A ideia aqui é, numa tentativa de adentrar na paisagem atual da produção literária no cone sul e da África que fala português, investigar seus procedimentos de escrita e as características estéticas que, de alguma forma, dialogam com outros autores ou outras tendências da arte contemporânea. Proponho um estudo de trabalhos produzidos no meio de debates furiosos na literatura, que incluem: a validade das categorias de gênero e de hibridização do mesmo, a influência das novas mídias, o papel do autor como produtor na era digital, os impactos de novos materiais e meios técnicos na produção literária, o diálogo entre diferentes composições artísticas trabalhando cada vez mais múltiplas dificuldades na organização da produção nas últimas décadas em panoramas ou de movimento uniforme.

Para tanto, busco nas obras de Cucurto (2012), Freire (2008) e Ondjaki (2004) territórios do presente, escrituras contemporâneas da realidade cotidiana que se situam em ilhas urbanas, isto é, zonas sociais. Em Cucurto, é possível encontrar a *Constitución*, dos imigrantes paraguais, peruanos e bolivianos; em Freire (2008) o Recife e seus recantos mais prosaicos; em Ondjaki nos deparamos com uma Luanda caótica num dia de chuva torrencial, seus bairros e musseques. Em cada um desses textos, os sujeitos se definem pelo pertencimento a esses territórios, muito embora venham ou estejam em trânsito por lugares diversos. Como diria Tamara Kamenszain (2007), sobre a poesia argentina atual, o testemunho seria a prova do presente, não um registro

realista do que passou. Essas escrituras partem desta premissa, pois não admitem leituras estritamente literárias. Na perspectiva de Ludmer (2007), não importa se são realidade ou ficção. Nelas instauram-se uma realidade cotidiana para construir um presente e este seria o seu sentido primordial.

Muitas escrituras do presente atravessam a fronteira dos parâmetros que definem o que é literatura e fincam pé no entre-lugar, como em constante diáspora: fora, mas presas em seu interior. Seguem aparecendo como literatura e tem o formato de livro (são vendidas em livrarias, pela internet e em feiras internacionais de livro) e conservam o nome do autor (que pode ser visto na televisão, que recebem prêmios em festivais literários e que aparecem em revistas e periódicos especializados), se incluem em algum gênero literário como o conto, o romance ou a poesia, e se reconhecem e definem a si mesmas como literatura. Aparecem como literatura, mas não se pode lê-las a partir das categorias mais tradicionais ou formalistas. Não se pode apreendê-las como literatura porque aplicam ao processo uma drástica operação de esvaziamento: o sentido (ou o autor, ou a escritura) resta sem densidade, sem paradoxo, sem metáfora, e é ocupado totalmente pela ambivalência, uma vez que são e não são literatura ao mesmo tempo, são ficção e realidade.

Em meio aos debates emergentes após a publicação de uma série de antologias de jovens autores argentinos no início dos anos 2000, Josefina Ludmer (2007) e Beatriz Sarlo (2000) abordam as questões emergentes propondo duas categorias, respectivamente: literaturas pós-autônomas e literaturas etnográficas. A categoria de Ludmer (2007) se edifica a partir da perspectiva de que há “escrituras que no admitten lecturas literarias” (p.7), e que “aplican a ‘la literatura’ una drástica operación de vaciamiento”, por onde, “se terminan formalmente las clasificaciones literarias” (p.8). Uma das consequências fundamentais a respeito do campo literário, assim como o define Bourdieu (1996), categoria frente a qual Ludmer (2007) define a sua, é onde se desvanecem as fronteiras que marcam a especificidade literária. A síntese dessa definição, em quanto uma transfiguração estética, é a ideia de que “la realidad (si se la piensa desde los medios, que la constituirían constantemente) es ficción y que la ficción es la realidad”(p.6) . Desta maneira, as estratégias literárias postas em marcha são as inclusões dos modos de narrar provenientes de formatos como o blogue, o e-mail, etc., assim como condensações e derivações que surgem do tratamento de certos temas nos meios de comunicação de massa. Pensar em estratégias literárias, de certo modo trai a

proposta de uma pós-autonomia, mas, como admite Ludmer, noções como livro, autor, gênero, novela, seguem vigentes. De modo que parece inexorável o trabalho em uma zona fronteiriça, onde ao mesmo tempo em que se anuncia um esvaziamento, se exibem suas operações.

Tem-se, assim, a representação da literatura no fim do ciclo da autonomia, na época das empresas transnacionais do livro ou das oficinas do livro nas grandes redes de jornais e rádios, televisão e outros meios. Esse fim de ciclo implica novas condições de produção e circulação do livro que modificam os modos de ler. É o que Ludmer (2007) chama de literaturas pós-autônomas. A autora propõe que essas escrituras diaspóricas não só atravessam a fronteira da "literatura", como também a da ficção, ficando dentro e fora nas duas fronteiras. E isso só ocorreria porque terminam redefinindo a categoria de realidade. Não se pode apreendê-las como mero "realismo" em relação aos parâmetros de relações referenciais e verossimilhança. Estas escrituras tomam formas diversas como o testemunho, a autobiografia, a crônica, o diário e até a etnografia. Saem do campo literário e entram fundo na realidade do cotidiano.

Essa operação se dá pela interação dos escritores com seus leitores, assim como fazem Freire e Ondjaki em seus blogues e perfis no Twitter e Facebook<sup>7</sup>. Muitos contos de Freire são publicados primeiro no blogue, depois em livro. Já Ondjaki, a cada lançamento de uma obra, anuncia, sucintamente no Twitter e no Facebook que um "hacker chinês"<sup>8</sup> invadiu seu computador e liberou as obras. De uma maneira diferente, mas com o mesmo fim, faz Cucurto com a *Eloisa Cartonera*. Mais engajado nas oficinas de edição de livros cartoneros do que na badalação dos grandes eventos literários, Cucurto mantém uma profunda ligação com seus leitores e com os interessados em livros cartoneros. Esses autores constroem o presente usando como matéria prima a realidade cotidiana e fazem desta uma ação política.

Para Ludmer (2007), a realidade cotidiana não é a realidade histórica referencial e verossímil do pensamento realista e de sua história política e social, isto é, a realidade separada da ficção, mas sim uma realidade produzida e construída pelos meios,

---

<sup>7</sup> [www.twitter.com](http://www.twitter.com) e [www.facebook.com](http://www.facebook.com)

<sup>8</sup> "hacker chinês finge ser técnico da Apple e entra no meu computador para roubar excerto de um conto inédito". Do TWITTER de Ondjaki, em 3/12/2014. <https://twitter.com/ondjaki/status/540255293637410816>

pelas tecnologias e pelas ciências. A realidade cotidiana não se curva à representação porque já é representação, um emaranhado de práticas discursivas, de imagens e sons que correm em diferentes ritmos e direções, graus e densidades, interiores e exteriores a um sujeito que inclui o acontecimento, mas também o virtual, o potencial e o fantasmagórico. Deste modo, consoante a autora, as escrituras pós-autônomas acabam exibindo, como um mostruário acessível da web, realismos históricos, sociais, mágicos, costumes, surrealismos e naturalismos. Essa miscelânea na realidade cotidiana distancia as literaturas pós-autônomas da ficção clássica e moderna, porque absorve e funde a mimese do passado para constituir ficções do presente, uma ficção que é realidade. Para Ludmer (2007), na realidade cotidiana são se opõem sujeito e realidade histórica. Tampouco, literatura e história, ficção e realidade.

Ao perder voluntariamente a especificidade e atributos demarcadores do literário, as literaturas pós-autônomas perderiam também o poder crítico, emancipador e até subversivo que a autonomia conferiu à literatura como elemento distintivo. Para Ludmer (2007), a literatura pós-autônoma perde o poder ou já não pode exercê-lo. Contudo, abro espaço aqui para discordar dessa assertiva de Ludmer. A análise de "Cosa de negros" (2012), de Cucurto, "Rasif" (2008), de Freire e "Quantas madrugadas tem a noite"(2004), de Ondjaki, sinalizam para a construção de discursos contra-hegemônicos importantes em meio aos efeitos nefastos dos processos de colonização, das políticas imperialistas, e da emergência de uma modernidade e da globalização na Argentina, no Brasil e em Angola. No instante em que as escrituras desses autores atravessam a fronteira entre ficção e realidade, estas literaturas entrariam em um tipo de matéria e em um trabalho social (a realidade cotidiana) em que não há "índice de realidade" ou "de ficção" e que constrói o presente. Entrariam naquilo que a própria Ludmer define como fábrica do presente, que é a imaginação pública para contar algumas vidas cotidianas em alguma ilha urbana latino-americana. Experiências da migração e do "subsolo" de certos sujeitos que se definem fora e dentro de certos territórios.

"Cosa de negros"(2012), "Quantas madrugadas tem a noite" (2004) e "Rasif: mar que arrebenta"(2008), cada texto ao seu modo, se entrelaça para constituir uma linha narracional que amalgama realidade e ficção, que negam as marcas de um de contrato próprio de uma literatura que se posiciona frente à escritura de ficção como um registro autônomo, tanto no que concerne a sua relação com o material narrativo, quanto no que tange à ideia do labor do escritor.

Os trabalhos de Cucurto, Ondjaki e Freire analisados aqui mostram as entranhas da escritura, estabelecendo relações que uma ideia de literatura autônoma parece solapar. Suas prosas registam conversas e aquisições da vida cotidiana criam uma textualidade tal em que nenhuma das especificidades são claras. O registro do cotidiano é transfigurado pelo grotesco, logo, não é confiável como uma etnografia. Ao mesmo tempo, borram as fronteiras de um texto ficcional. Estas ideias se condensam em várias passagens das obras em análise.

*La vi acercarse como en una película yanqui, ¡qué gran miedo! Se me aflojaban, se me derretían las ceras de las orejas, su cuerpo se me aparecía entre las luces e iba transformándose em tigres, ranas, yacarés, todoun animalerío. La campanita de la garganta me pizpireteaba molinera. Bailamos casi sin hablar. Cilicia, Cilicia, me decían sus lábios, y yo nadita de nada, colita de Feculax. (CUCURTO, 2012, p. 14)*

“Maracabul”

Toda criança quer um revólver. (FREIRE, 2008, p. 41)

**Toda criança quer um revólver para brincar. Matar os amigos e correr. Matar os índios e os ETs. Matar gente ruim.** (IDEM p. 41)

É sempre assim, como dizia o **kota Odorico, onde se dão acontecências revelosas, os jornalheiros aparecem abutrememente**, tendo as notícias factuais como não, inventando mesmo se for preciso. (ONDJAKI, 2004, p.159)

A reflexão proposta aqui trata do problema dos meios de comunicação de massa: Cucurto dá o tom dramático à cena por meio da referência cinematográfica estadunidense, pioneira nos filmes de terror. Freire também, no entanto, faz menção à outros gêneros para dar o tom cênico da diegese, como o *western* e a ficção científica. Já Ondjaki, opta por aludir uma personagem clássica das novelas brasileiras, Odorico Paraguaçu<sup>9</sup>, da novela “O bem amado”, de Dias Gomes. Deste modo, trazem à baila em seus textos cenas da vida cotidiana em que a televisão, o cinema e a propaganda estão no centro. Contudo, uma vez que este marco fora exposto, os narradores desdobram essas mediações a partir de um material proveniente da realidade e da construção midiática desse material.

Como afirma Ludmer, as novas escrituras entram e saem da realidade, da

---

<sup>9</sup> Odorico Paraguaçu era o prefeito da cidade fictícia de Asa Branca, conhecido por adornar os seus discursos em comícios com neologismos que tornavam as palavras mais longas, numa alegoria do populismo e do caudilhismo da política latino-americana.

literatura e vice-versa, se constituem e são constituídas dessa ambiguidade. E isto se exacerba nos textos de Cucurto, Ondjaki e Freire, pois não é tarefa das mais fáceis se deter à construção desse tipo de espaço ambivalente, como uma sobreposição de relatos, no entanto, ante a experiência do primeiro que conhece o segundo, a reconstrução midiática de seus feitos surge como um rico material de análise.

*¡Viva Perón, viva Evita, viva el Che!” “¡Aguate nosotros!” “¡Alhaja la República!” “Por ese gran argentino... que se supo conquistar”... “¿Falta mucho para el Lito?”, preguntó Cucurto reponiéndose, “ya no los aguanto más a ustedes”. “¡Cantá, amargo!”, le contestaron. “¡Estamos a tres cuadras!” “Sooss el primer trabajador” “¡Canten carajo! ¡Más fuerte que no se oye!” “¡El que no salta es un gallina!” “¡El que no salta es argentino!” “Los principios sociales... que el General ha establecido...” La energía alegre de los negros era contagiosa, pues a medida que el micro. El vocerío del barrio se escuchaba en otros barrio cantaba con el micro se acercaba a la bailanta toda la gente que lo veía pasar cantaba “la marchita” y aplaudía. Pronto todo el barrio cantaba “la marchita” y aplaudía. Pronto todo el barrio cantaba con el micro. (CUCURTO, 2012, p. 94)*

Mambos da estupidez, meu: lembram quando tavam a caçar albinos pra curar sida?, antes de se falar das virgens, ali naquelas bandas do Roque tava a ser problemático então ser albino! Duvidas? Num foste lá? Granda Maka: época da caça total, albinos a gastar cumbú na tinta pra cabelo e bigode, uns já não saiam de casa mais de três meses, outros bem agasalhados só, catanga aí no pleno meio-dia, ai uê, a cor é um problema, avilo!, vê só o que dá, não é só aqui, não é só os albinos, é no mundo todo! África do sul-lembras, porque aparteide, porque brancos e pretos e indianos e coloridos? Estupidez, meu, tu já galaste mesmo, te tocarem uma sirene nos ouvidos pra tu bazares na tua buala? O quê, eu, mentira? Num sabias? Janesburgo: fim de tarde, o puro cenário, vais pensar que é filme, não, era realidade dura mesmo, as sirenes a tocar e tu mesmo, bléque, só podias ir no maximbombo dos bléques; se eras apanhado, chicotada!, bofa, ou cadeia mesmo. Tiro também, de vez em quando – brancos maldispostos. Duvidas? Violência, avilo, loucura das raças, uns mais que outros? Onde é que isso tá escrito na bíblia? Se li?, não, nunca li, mas porra, não pode ser: se tu tens mais cumbú que eu, tudo bem, tu me pagas as birras; se eu tenho mais estória que tu, eu te ponho as danças falantes, e vamos navegar aqui, nas borbulhas da cerveja. Mas, porra, cor virar documento? Essas makas, avilo essas makas que te falo, porra, coitado do Jaí, o gajo é professor, abdicou das corrupções, só vive disso e tinha mesmo que ir dar aulas. E agora a maka da sida, se diziam que os líquidos do nguimbo dos albinos é que tinham o puro milongo? O muadiê passou mal... Calma, já te conto onde é que entra o Burkina. É preciso inda molharmos mais uns coche o discurso. (ONDJAKI, 2004, p.28 e 28)

- O quê?
- A culpa é do carro.
- Hã?
- Do carro
- A culpa é do carro?
- Sim, não vê?

- O quê?
- A Guerra na Arábia Saudita, na Conchichina, sei lá. A culpa é do carro. Do combustível. Do petróleo. Do gás. Da gasolina.
- Agora mais essa...
- Da guerra. Sim, da guerra. Da carnificina. Por que é que eles brigam, meu caro? Por causa do carro. Entendeu? A roda nos fodeu. Antes a gente vivesse no tempo do jumento. Até o jumento virou moto. Não viu? Um dia saiu na televisão.
- Eu acho que você está ficando doido.
- A culpa é do carro, meu irmão.
- Se eu estou ficando doido a culpa é dele. Tenho respirado mal, não vê? A minha tosse é por causa de quê? Essa ferrugem? Essa fumaça no miolo? Não tem banho que retire? E a bronquite?
- Você está exagerando.
- Eu, exagerando? Acho que o mundo é que está sem controle. Desgovernado. Furando esquinas, assaltos. Não vê os assaltos? A arma em punho? Por causa de quê? Do veículo. Isso, do veículo. Querem o conforto. Todo mundo quer conforto, eu sempre digo. Poltrona, entende? Cinto. Que segurança ele nos dá? A morte é veloz. E a culpa é de quem? De nós? Eu, hein?
- Eu acho que você não está girando bem. Precisa tirar umas férias.
- Férias? Para não sair do lugar?
- Só de imaginar o trânsito à beira do abismo, a caminho do mar. Todo mundo quer sair. E chegar. Fugir para ver o pôr-do-sol. Esquentar o motor. Mostrar o seu valor. A culpa é do carro. Esse sentimento que há. Sem sentimento. Aquilo que eu falei. E repito: a ostentação. Neguinho vindo desfilar a sua melhor marca. Acelerar na nossa cara. Baforadas e baforadas. É ou não é do demônio essa invenção?
- Demônio, sei não, acho que você está possuído. Daqui a pouco vai sair gritando pela rua. Queimando ônibus.
- Olha aí: por que você acha que o pessoal queima ônibus, camburão, foguete? Eu sei. E explico: é porque querem atacar a cidade. Entende? Pela sua fina sensibilidade. É onde a sociedade dói. Fica assustada quando vê. Um monte de corpo queimado, lá dentro. No inferno. Gente carbonizada. Chamuscada. Tanto aqui quanto na França. Morre até criança. Culpa do carro. Do carro, do carro. Este monstro do aquecimento global, de onde vem? O degelo? O fim da Amazônia, pensa bem.
- Juro. Estou ficando com medo desse seu discurso, sem fim. Sei não. Você já procurou um psicólogo? Sua mãe, o que acha? Seu pai? Sua tia? Sua namorada?
- Acabei o namoro, não sabia?
- Com a Marília?
- É. Por causa do carro.
- Puta que pariu! Vai tomar no rabo. Você está me enchendo o saco.
- Foi o que a Marília me falou. Assim, na lata. Pô. Falou da potência. Achava a minha Brasília muito devagar. Quase parando. Tinha vergonha de entrar. Nem no estofamento me beijava. A gente não fazia amor. Por causa dele. Do carro, caralho! Faltava tesão para se jogar nos mês braços. Ela queria outro destino. Dizia que seu corpo nu, lindo, lindo, não combinava com pneu careca. Com o meu descuido. Esta minha vontade de mudar o mundo. Ela não entendeu, pô! Como você ainda não se ligou. O tanto que o carro está destruindo o ser humano. Já estamos, faz tempo, por um triz, na corda-bamba, no meio-fio. Por causa de quem, me diz. Este meu coração que não bate bem.
- Chega, chega.
- Quem disse que adianta buzinar, hein? Não sabe? Não lembra? Não viu? Estamos no Brasil.
- Puta que pariu! Tá, tá, vou indo...
- Para onde? Não vê que está vermelho? Quem disse que o sinal abriu?
- (FREIRE, 2008, p. 109-111)

A prosa de Cucurto dá voz às irradiações pró-bolivarianas que têm se difundido pela América do Sul nos últimos anos. Ondjaki, por sua vez, relembra as marcas do *apartheid* na vizinha África do Sul, como recurso de analogia para que o narrador explique à perseguição aos albinos em Luanda a um amigo. Já Freire, desenvolve seu conto em torno de uma crítica às facetas mais perversas do desenvolvimento econômico e urbano, o poderio do capitalismo e às guerras recentes do mundo. Para cada uma das personagens em diálogo, o carro seria o emblema desses processos sociais, um debate, diga-se de passagem, muito em voga hoje na cidade do Recife. No ponto nodal desses excertos, é importante frisar que Sarlo e Ludmer coincidem no reconhecimento do contemporâneo como tempo do relato.

Neste sentido, esse narrador-personagem construído pelos três escritores constitui-se como um esforço de marcar temporalmente o contexto em que estão inseridos. Deste modo, a partir dos diálogos e das elocubrações dessas personagens emana-se pela diegese um sentido de tempo presente que oferecem ao texto um marco referencial. Os breves relatos de recordação de um passado ainda muito recente posicionam o leitor diante de tais acontecimentos. A rememoração é mais um exemplo da afirmação do narrador acerca de que da reconstrução discursiva dessas experiências que, não necessariamente, foram vividas pelos escritores.

Evidentemente, os distintos níveis e aspectos ressaltados por cada um dos escritores em seus textos vão plasmando a ideias de um presente que se infiltra na elaboração do texto desde a questão do gênero, passando pela reflexão sobre o fazer literário, estabelecendo uma relação com o material proveniente da realidade que se interessa pelos sentidos que aportam na vida social, no lugar da densidade histórica, até o instante do relato marcado pelo hoje.

O caso angolano, por exemplo, é muito emblemático deste processo social. Segundo é possível visualizar já em minha dissertação de mestrado, Santana (2010), a sociedade angolana, a partir de meados dos anos 1980, se viu permeada por um espírito distópico, pois a independência não resolveu todos os problemas sociais do país e as promessas revolucionárias não foram todas cumpridas. O sonho de paz e liberdade durou pouco. A situação política se agravou com o início de uma das guerras civis mais longas e violentas do continente africano, que só terminou em 2002. Esse cenário não é

lembrança de um passado remoto. Quando visitei Luanda, dez anos após o cessar da guerra civil, ainda foi possível ver e sentir as ambivalências em que o país recaiu depois desse período findo. Apesar do notório desenvolvimento econômico, que reverbera em grandes obras arquitetônicas (a grande maioria de empresas privadas), na importação de carros luxuosos de montadoras estrangeiras por uma parte da população que possui maior aquisitivo, que aliados causam um grande impacto na paisagem da cidade, ainda assim há um forte clima de opressão no ar. Muitos militares armados pela cidade, expondo seu poderio beligerante ostensivamente (uma cena que me remete às regiões de conflito da zona norte carioca) e uma violência urbana que molda e limita o cotidiano dos cidadãos (assim como ocorre em toda grande cidade brasileira). Esta Angola distópica é ambiente ideal para o surgimento da “geração da ilusão da independência” (TUTIKIAN, 2006, p 40). Com o devir dos anos, a celebração da vitória cede lugar à desilusão da guerra civil e à falência do regime socialista no país. Esse sentimento de desencantamento foi vivenciado por muitos escritores que, em suas obras, problematizaram esta questão, buscando, por entre as sombras das distopias, feixes de luz e esperanças. Ondjaki é um desses escritores que vêm mostrar que a noite não tem apenas uma conotação negativa.

Ondjaki problematiza conflitos de uma época marcada pela fragmentação, pela ambivalência e pelas incertezas de uma paz ainda recente para se afirmar duradoura. É neste cenário de transição, entre a guerra e a paz, entre as tradições e as inovações da modernidade, entre a África ancestral e a crescente ocidentalização em que os enredos de Ondjaki se desenvolvem, espelhando a sociedade angolana, tal como esta se apresenta no início do século XXI.

Os narradores-personagens de Cucurto (2012), Ondjaki (2004) e Freire (2008) são, sobremaneira, sujeitos deslocados que se reiteram na trama e na narração. São mais que protagonistas, são parte fundamental da construção da trama. Não há silêncios irresolutos para esses narradores-personagens, suas identidades, quando não apresentadas no início da história, são descobertas em algum momento chave do texto. Sua função consiste em sustentar o vínculo entre personagens e os sentidos da trama. Por meio do disparate, do caos, do inacabado e do imperfeito, emerge um absurdo recursivo. É o que Sarlo explica como “una especie de cansancio del narrador con su propia trama” (p. 476), mas que também, de modo ambivalente, significa um mergulho tão profundo na densidade da trama que proporciona o seu desenvolvimento à contento.

A instância do narrador se mantém na primeira pessoa, de tal modo que não

aparecem mais informações além das que este maneja. Esta mesma estratégia é o que impede a resolução da verborragia desses narradores-personagens, como se a necessidade de descanso traduzisse um tempo de outrora, onde a velocidade e o ritmo da vida moderna não eram tão imperiosos. Esse recurso leva o leitor a certo esgotamento causado pela proliferação de informações na narrativa, numa miscelânea entre aquelas que são fundamentais ao desenrolar da história e as que são acessórias. O trabalho de indagação é constante, tornando a leitura dessas obras um exercício de tempo e paciência.

Cucurto (2012), Ondjaki (2004) e Freire (2008) constroem uma realidade em que seus personagens se perdem no presente de suas tramas. Estes escritores oferecem ao leitor uma profunda submersão na experiência da vida cotidiana, mas isto, ao contrário de aproximá-los da verossimilhança ou de uma leitura realista, os conduz a um arraigamento do estranhamento. O grotesco é o recurso estético para transformar a deriva social em uma profusão de criaturas tão próximas e tão distantes da realidade.

Os narradores-personagens reiteram a ideia de que um espaço descomprimido continua a instalar a sensação de que algo está faltando. Presos no presente, uma vez que por razões distintas e incompreensíveis a partir do texto, a opção de subsumir o passado de suas vidas os torna incapazes de se projetar. Assim, o presente se desconecta da consistência da realidade. O tempo é como um plano, cujo registro é um somatório de modos de ser apreendido.

Ao longo da análise das três histórias discutidas aqui, é interessante notar como surgem limites e possibilidades de abordagem a partir de Josefina Ludmer e Beatriz Sarlo. As obras de Cucurto (2012), Ondjaki (2004) e Freire (2008) trazem consigo um leque de características estéticas e de conteúdo que exigem o desenvolvimento de categorias específicas teórico-críticas. Diante disto, Ludmer e Sarlo propõem a análise de alguns textos cujas estratégias narrativas foram confrontadas com um corpus que coincide temporalmente com o que elas mesmas construíram em seus artigos. Logo, oferecem deslocamentos representativos dentro do que as literaturas em análise produzem.

O trabalho de Ludmer (2007) constitui o marco teórico a partir do qual se afirma a necessidade de se aprofundar à elaboração de leituras críticas que também tratem seus objetivos desligados do peso de um sistema conceitual e metodológico. Deste modo, se previne trazer a produção literária à repetição das estruturas canônicas. Beatriz Sarlo (2007), por sua vez, trabalha mais minuciosamente uma produção que

aborda como novas formas literárias, e analisa a partir do trabalho com a história. A característica que identifica é a recorrência do presente como tempo do relato que, por diversas estratégias, se elabora como um modo etnográfico de representação.

Tal como expressam Sarlo (2007) e Ludmer (2007), o reconhecimento de escrituras que não podem ser lidas como as ferramentas tradicionais se afina com a literatura do presente. Tanto os textos que as autoras analisam como os que eu selecionei para esta pesquisa, dão conta de uma preocupação com o tempo presente, e este é o seu enclave: não são obras que proponham uma interpretação do passado, nem trabalham com a representação ficcional no sentido estrito. São testemunhos, segundo Ludmer (2007) e "registro", para Sarlo (2007), de um tempo presente.

Se há um consenso sobre a literatura produzida hoje, este se refere à miscelânea e à diversidade de nomes e características que surgem a todo instante na cena contemporânea. Mas esta pluralidade não é uma marca suficientemente eloquente, não apenas por sua obviedade, mas também pelo caráter generalizante. É fundamental assumir a tarefa de buscar indícios do que singulariza a prosa de ficção (ou seja, lá o que se encontra nas fronteiras de gênero) feita nos últimos anos. Quem se dispõe a um confronto com o presente, em qualquer área do conhecimento, é desafiado a elaborar perguntas, capturar as que pairam no ar e apostar na incerteza. Arriscar-se na contingência significa aceitar o fugidio como perspectiva crítica.

No contemporâneo, não só a análise pode ser provisória, mas o próprio objeto também carrega algo de transitório. Diante disto, deslocar-se do distanciamento reflexivo para iniciar um enfrentamento com os novos autores e suas publicações implica que também os métodos críticos e analíticos estão sendo forjados, repensados e ressignificados concomitantemente à construção do *corpus*. Para tanto, é preciso incorporar outros elementos ao trabalho de pesquisa, para além do lastro canônico: entrevistas, perfis de autores, resenhas, debates literários em festivais e em fóruns da internet. Novos valores, conceitos e perspectivas teóricas precisam ser garimpados nas próprias narrativas e, mais do que estabelecer critérios de qualidade, é preciso lidar com as sensorialidades da configuração dessa cena literária limítrofe. É preciso manejar as incontáveis descentralizações que a pluralidade das dicções põe no centro do debate.

Nesse mar de possibilidades, a grande vantagem é o risco. É preciso despir-se e aceitar que "não sabe", que "não dá conta", que "existem limites". Nesta tese, o risco fora multiplicado por três: propus uma análise comparada entre sistemas literários que foram historicamente interpretados como distintos<sup>10</sup>. A minha escolha por esses universos literários deixa entrever afeto e ideologia. Um desejo de concretizar um diálogo entre culturas vizinhas, que, apesar de compartilharem um destino histórico, político e intelectual, pouco exercitam os seus laços culturais em via de mão de dupla. Não proponho uma reflexão na chave da irmandade e da harmonia, pelo contrário, me disponho a pensar o conflito e a contingência nesses universos sociais e culturais, até porque, a balança sempre tende a pesar mais para um lado. Sob a mesma égide, surge a oportunidade de investigar sobre a literatura contemporânea de países que integram o centro de suas periferias.

Diante disto, ir ao encontro à perspectiva comparatista proposta nesta pesquisa foi um dos meus maiores desafios, não somente porque é preciso respeitar e ponderar a especificidade contextual de cada literatura, mas também porque se torna necessário negociar seus limites e refletir sobre eles. Desta sorte, travo um esforço para articular categorias tanto dos contextos sociais, por meio de cartografias (Deleuze e Guatarri, 1994) realizadas em Buenos Aires, Luanda e no Recife/Sertânia - cidades de referência da diegese -, quanto das sociedades internas das prosas, uma vez que pensar tais tensões significa dar conta das mudanças que se deram em ambas as esferas, numa via de mão dupla, abrindo caminho para a reflexão acerca de realidades sociais contra-hegemônicas, repletas de particularidades e linhas fronteiriças.

Assim, as cartografias aqui apresentadas não se referem a territórios, mas a campos de forças e relações. Dizem mais sobre movimentos do que propriamente a respeito de posições fixas. Desdobram-se no tempo, mas também no espaço, além de incorporar o eixo metodológico saber-poder-subjetividade, à medida que se apresentam como método de análise de dispositivos. Segundo Deleuze (2005), a cartografia é como um meio para desemaranhar as linhas de um dispositivo, tal qual se desfaz um novelo.

Neste sentido, pensar as realidades sociais em contraponto aos textos literários é ir às profundezas da experimentação do pensamento ancorado ao real, é a

---

<sup>10</sup> Salvo a disposição de alguns poucos críticos.

experiência da literatura e da vida entendidas como um saber-fazer, isto é, um saber que emerge do fazer (Kastrup, 2010, p 18). Para isso, é preciso levar em conta a construção do conhecimento e a atenção que configura o campo perceptivo do processo em curso. O sentido da cartografia poética é de acompanhamento de percursos, aplicação em processos de produção, conexões de rede ou rizomas: "a cartografia surge como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática um princípio inteiramente voltado para uma experiência ancorada no real." (DELEUZE, 1995, p.21). O método cartográfico não segue regras, é um movimento atencional, concentrado na experiência, na localização de pistas e de signos do processo em curso.

Voltada para este norte, adentrei aos fluxos alegóricos de Cucurto, Ondjaki e Freire, que, por meio de alegorias (BENJAMIN, 1989) abjetas e grotescas, sublinham a importância da prática discursiva, dos atos comunicativos, da oralidade pessoalizada, do extralinguístico como afronta aos padrões estabelecidos pela sociedade extratextual. Em seus mundos diegéticos, as expressões artísticas que emergiram da cultura dos sujeitos escravizados, dos indígenas, dos migrantes, dos indivíduos marginalizados dos centros urbanos encontram na música (a cúmbia, o rap, o kuduro e o brega) um substituto para as liberdades políticas formais que lhes foram negadas, representando uma importante aliada nos processos de luta rumo à emancipação, à cidadania e à autonomia.

A partir da desconstrução de seus procedimentos alegóricos, é possível compreender que, nas profundezas, este é um modo de criticar os efeitos perniciosos do pensamento dualista-binário (MIGNOLO, 1996). Alegorizam as histórias de deslocamentos, empréstimos, transformações e reinscrições contínua que lhe são características, remetem à complexidade sincrética das culturas negras, indígenas e periféricas. Por meio de suas narrativas, Cucurto, Ondjaki e Freire dão forma e sentido a uma contra-história do Atlântico Sul.

Não obstante, trago à baila a ideia de "Atlântico Negro", de Gilroy, que se caracteriza por ser uma metáfora das estruturas transnacionais criadas na modernidade/colonialismo que se desenvolveram e deram origem a um sistema de comunicações globais marcado por fluxos e trocas culturais. Segundo o autor, a formação dessa rede possibilitou às populações negras, durante a diáspora africana, construir um sistema cultural que não pode ser identificado exclusivamente como caribenho, africano, americano, ou britânico, mas todos eles ao mesmo tempo. Trata-se do sistema cultural do

Atlântico Negro, reconhecido por um caráter híbrido que não se encontra circunscrito às fronteiras étnicas ou nacionais. A proposta de Gilroy é repensar os relatos da modernidade por meio da história do "Atlântico Negro" e da diáspora africana no hemisfério ocidental.

Aproveito aqui a senda aberta por Gilroy para pensar o "Atlântico Sul" e lançá-lo para além das dinâmicas comerciais, alvo de economistas e historiadores. Assim como a ideia de "Atlântico Negro" propõe uma diluição da definição de cultura nacional introduzida pelo absolutismo étnico e busca explorar as relações entre raça, nação, nacionalidade e etnia (para colocar em xeque o mito da identidade étnica e da unidade nacional), também acredito que seja possível pensar as aproximações e distanciamentos entre Argentina, Brasil e Angola por meio do ritmo da maré. A partir da literatura, creio ser viável empreender uma mirada política para questões de cultura e de identidade(s) étnicas(s) neste espaço.

Em suas obras, Cucurto, Freire e Ondjaki rompem a sequência dos laços explicativos entre lugar, posição e consciência, e conseqüentemente rejeitam também o poder do território para determinar identidades e literaturas. Contudo, fora preciso demarcar territórios para perceber, em um primeiro momento, a força desconstrutiva de suas obras. A ideia de "Atlântico Sul" remete a um sentimento de desterritorialização da cultura em oposição à ideia de uma identidade cultural encerrada entre fronteiras e codificada no corpo, na mente, na linguagem e na escrita. As relações estabelecidas no espaço fluído e híbrido do Atlântico Sul favorecem a formação de um circuito comunicativo entre os escritores, suas literaturas e seus povos, extrapolando as fronteiras diversas do Estado-nação, permitindo que populações dispersas conversem, interajam e efetuem trocas culturais. É o que ocorre com os paraguaios, peruanos e bolivianos da *Constitución*, de Cucurto; ou com os angolanos que vivem em Portugal, de Ondjaki; ou a comunidade árabe de São Paulo, em Freire. A referência ao mar carrega em si um sentido poético, mas, sobretudo heurístico. O mar indica a ideia de dissolução, mistura e movimento, coerente com a perspectiva de análise que situa o Atlântico Sul em uma rede entrelaçada entre o local e o global.

As obras aqui analisadas seriam como seres vivos nesse Oceano. Alegorias de um sistema vivente, microcultural e micropolítico em movimento constante, que colocam em circulação, ideias, ativistas, artefatos culturais e políticos. A miscelânea entre sistemas filosóficos, políticos, culturais e de ideias do Atlântico Sul requer uma análise

diligente. Assim como ventila Gilroy, a mistura não deve ser interpretada como perda de pureza, mas sim fermento que ajuda à elaboração do contemporâneo. Inevitável hibridez.

Navegando em meio às tormentas do Atlântico Sul, Cucurto, Freire e Ondjaki destramam, alegoricamente, uma face da história cultural obscurecida pelos relatos de salvação hegemônicos. As narrativas do colonialismo, o absolutismo/essencialismo étnico, as incisões imperialistas, o autoritarismo dos regimes políticos ditatoriais e as garras do capitalismo, deixaram cicatrizes em seus contextos sociais, silenciaram sujeitos. Mulheres, indígenas, negros, homossexuais, pobres, pessoas com deficiência, imigrantes e um sem números de indivíduos vivem dissabores cotidianos que extrapolam as fronteiras do Estado-nação. O Atlântico Sul integra o Ocidente sem fazer parte completamente dele.

A aceitação dessas literaturas implica o redesenho de um mapa de valores e sentidos em desalinho. Jogá-las no lixo pela acusação de oportunismo editorial ou efeito de marketing é recusar o desafio de pesquisá-las. Apontar os autores como meros epifenômenos de uma transgressividade anacrônica, reconhecendo-os apenas pela verve torpe como meio de expressão ou efeito de choque, ou exigir deles a continuidade do estilo de nomes consagrados pelo cânone é rejeitar uma reodernação do modo de apreender as literaturas do mundo. Para além disso, é assumir o *modus operandi* das instâncias de legitimação dentro de uma outra esfera. É preciso manejar os textos. Iniciar um embate, um enfrentamento, discutí-los segundo interlocações materiais, sociais, segundo suas próprias regras.

Adentrar neste mundo é olhar para a formação intelectual desses escritores que têm um contato tardio com a literatura, como no caso específico de Cucurto, em que sua iniciação à literatura é quase simultânea a escrita de seus próprios textos. Lêm os clássicos traduzidos, foram pedagogizados pela televisão (Ondjaki é um representante emblemático desta geração), não estão vinculados à academia e, muitos, começaram escrevendo na internet (como Freire, por exemplo). É possível agregar a esta lista a experiência com ditaduras militares e governos autoritários. O amadurecimento desses escritores corresponde, assim como ocorre com o Atlântico Sul, a um alargamento das fronteiras do que pode ser considerado literário. Entretanto, é preciso ponderar também. Em que medida estas obras não cedem à tentação do espetáculo e aos apelos interesseiros do capital, reproduzindo assim exatamente o mesmo tom do que antes buscavam questionar? Resta ao pesquisador e ao crítico, neste processo de captura ideológica

constante, acompanhar a singularidade de cada percurso artístico, afinal, este objeto/abjeto estranho que paira neste *outro/novo* espaço de representação resiste às categorias que até então regulavam o mundo literário. Objetos, portanto, que obrigam uma reformatação dos conceitos, dos paradigmas, dos discursos. Assim, de alguma forma, é possível recuperar a potência da arte, que sempre abriu na história novas perspectivas. O abjeto nos captura justamente naquilo que, ao nos expulsar de seu campo visual, nos atrai. Objetos-tabus que, em vão, queremos rasurar. Contudo, eles, como sabemos, insistem, persistem, resistem.

Nesta vereda, percebi que isso que chamo de “verve narrativa *grotesca*” em Cucurto, Freire e Ondjaki possui uma profunda correlação com as realidades sociais em que tais escritores estão inseridos. A grande cartografia do feio, do bizarro, do abjeto, do grotesco é tão retorcida quanto os lugares de fala desses escritores. Assim como os sinuosos arabescos que Baudelaire admirava, à medida que essas noções vão ganhando novas formas, sentidos e aplicações são longo do tempo, acabam por estabelecer também outras bordas que incorporam ou rechaçam diferentes lugares dessa linguagem relativamente trivial. Esses escritores apostam nas opções pelo grotesco, pelo infame, pelo abjeto, pelo irônico, pelo farsesco, pelo escatológico, pelo feio e pela sordidez mescladas a um humor corrosivo. As alegorias grotescas, abjetas e irônicas sublinham a importância da prática discursiva, do extralinguístico como afronta aos padrões estabelecidos pela sociedade extratextual. Trazem à tona eventos narrativos que desestabilizam o cotidiano e lançam o leitor num redemoinho de sensorialidades. É pela inversão de padrões vigentes em certos universos sociais que nossos escritores acabam ressaltando as nuances da modernidade periférica que chega lenta e continuamente, deixando à mostra todas as suas fraturas.

A construção abjeta/grotesca dessas *diegeses* representa também uma categoria política que dá forma *ao outro* da civilização, possibilitando a experiência antropológica do choque do diferente (BHABHA, 2005). Suas personagens representam o subalterno, o reprimido pela cultura dominante, que assumem ser *o outro* (Derrida, 1996), ser o monstro, ser o infame como maneira de dessacralizar o politicamente correto, e fazer visível (e risível) a intolerância da sociedade sólita diante dos que a rodeiam. Pelo recurso à inversão, demonstram como se dão as reproduções de desigualdades por meio da manutenção de oposições binárias. Têm-se aqui construções

alegóricas de aspectos relevantes na modernidade periférica, como alteridade e negociação.

A literatura de Cucurto, Ondjaki e Freire reivindica um leitor capaz de perceber a simulação performática de uma verve brutal. Pela rejeição de maneirismos, vão direto à vileza do cotidiano, regozijando-se em trazer à tona o mal-estar da contemporaneidade. Desta maneira, paradoxalmente, resistem por meio da estética e da política à bestialização da vida. O abjeto, o grotesco, o farsesco e a ironia são estéticos-políticos eficazes de oposição, de inversão de paradigmas. Assim, nossos escritores terminam por não enredar pela autodestruição, pela obsessão negativista e pela pretensão de incomunicabilidade, a verve narrativa grotesca conforma-se como tática de resistência e enfrentamento do presente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. A Modernidade. In: A Modernidade e os Modernos. Rio de Janeiro: Edições Tempo brasileiro, 1975.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. Tradução de Myriam Ávila et al.
- CAPONE, Stefania. A propôs des notions de globalisation et de
- CUCURTO, Washington. Cosa de Negros. Buenos Aires, Ed. Interzona, 2012.
- DELEUZE, G. & GUATARRI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1990. p. 83-115.
- DERRIDA, Jacques. Le malinguisme de l'autre. Paris, Ed. Galilée. 1996b.
- FREIRE, Marcelino. Rasif: mar que arrebenta. São Paulo, Ed. Record, 2008.
- GILROY, Paul. O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001 .
- KAMENSZAIN, Tamara. La boca del testimonio. Buenos Aires: Norma. Mignolo, Walter. 1996. “Bilanguaging-love: National Identifications and Cultures of Scholarship in a Transnational World”, en Peter Pfeiffer y Laura García-Moreno (eds.), Text and Nation: Cross-disciplinary Essays on National and Cultural Identities. 123-42. Carolina del Sur, Camdem House. 2007.

KASTRUP, Virgínia (orgs) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa, intervenção e produção de subjetividade*, Porto Alegre, Sulina, 2010.

LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da Viagem: escravos e libertos em Minas gerais no século XIX*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1996. 272p.

LUDMER, Josefina. Literaturas postautônomas 2.0. In *Revista Z Cultural*, Ano 4, (2007). Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/literaturas-postautonomas-2-0-de-josefina-ludmer/>

MARCUS, G. E. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, 24, 1995. p. 95–117.

MARCUS, G. E. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, 24, 1995. p. 95–117.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, N 34, p. 287-324. 2008.

ONDJAKI. *Quantas madrugadas tem a noite*. Lisboa, Ed. Caminho, 2004.

*Revista Letras de hoje*. v. 145, p. 37-46, Porto Alegre: PUCRS, 2006.

RICOEUR, Paul. A Identidade pessoal e a identidade narrativa. O si e a identidade narrativa. In: RICOEUR, P. (Ed.). *O Si-Mesmo como um outro*. Campinas: Papyrus, 1991.

SEGATO, Rita. Um Paradoxo do Relativismo: o discurso racional da Antropologia frente ao Sagrado. *Religião e Sociedade*, vol. 16/1-2, 1992, p.115-135.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TUTIKIAN, Jane F. Questões de identidade: a África de língua portuguesa. In: